

OS ESTUDOS DEMÓTICOS E A POSSIBILIDADE DE UMA NOVA EGIPTOLOGIA¹

Thais Rocha da Silva²

RESUMO: Este texto apresenta os estudos demóticos e os novos desdobramentos desse campo na última década para um público brasileiro que ainda não tem acesso a esses documentos e ao campo de pesquisa propriamente dito. Ao mesmo tempo, debato o seu desenvolvimento relacionado à origem e ao estabelecimento da Egptologia como ciência ao longo dos séculos XIX e XX.

PALAVRAS-CHAVE: estudos demóticos, papirologia, egito antigo, egiptologia,

ABSTRACT: this text presents demotic studies and the new developments of this field in the last decade to the brazilian public, who does not have access to these documents and the research field itself. At the same time, I discuss its development related to the origin and establishment of Egyptology as a science over the last 19th and 20th centuries.

KEYWORDS: demotic studies, papyrology, ancient egypt, egyptology.

The papyri are not a particular closed world.

(Roger Bagnall)

Os estudos da língua egípcia não estão dissociados da compreensão de sua história. Mais do que repetir o óbvio, no caso egípcio, a língua, combinando sistemas diferentes, oferece a possibilidade de ver o mundo pelos olhos egípcios. E digo “ver” no sentido mais concreto do termo, uma vez que a iconografia está presente na escrita, conferindo novas possibilidades de compreensão da simbologia e dos textos. O estudo dos textos egípcios, portanto, não pode ser igualado ao de outras civilizações do Mediterrâneo, não por uma maior ou menor complexidade linguística, mas pela combinação de diferentes modos de ver e associar os significados do mundo traduzidos em textos.

O egípcio antigo e seu último estágio - o copta³ - representa um conjunto de famílias linguísticas chamadas afro-asiáticas. A primeira compreende as línguas faladas na região leste do Mediterrâneo, em que se insere o egípcio anti-

go, com algumas características comuns: a presença de raízes bi ou triconsonan-

¹ Agradeço ao Prof. John Tait da UCL (Londres) pela generosidade em acompanhar a elaboração deste texto ao longo de 2011 e também por ter me iniciado no estudo do demótico. Sou muito grata também ao Prof. Dr. Ronaldo Gurgel Pereira (Universidade Nova de Lisboa) pelos diversos apontamentos no texto. Ao Prof. Dr. Antonio Brancaglioni Jr. pela leitura cuidadosa de sempre, e pelo encorajamento a esta publicação.

² Mestranda do Programa de Estudos Judaicos e Árabes, Departamento de Letras Orientais, FFLCH-USP, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Brancaglioni Jr.

³ Sobre o desenvolvimento da língua egípcia ver Tab. 3 no final deste texto.

tais, um sistema vocálico limitado a vogais como “a”, “i”, “u”, um sufixo feminino “-at”, entre outros mais específicos (WOODARD, 2004). Esse tipo de compreensão e classificação só foi possível graças ao advento da filologia que, no século XIX, ganhou um estatuto de ciência exata entre as humanidades. Mais do que sistematizar a história e o desenvolvimento das línguas, os filólogos tinham uma obsessão taxonômica.

O grupo dos orientalistas com uma formação linguística sólida, fazia suas descrições do Oriente em geral, baseadas em seu acesso aos textos antigos. Tais descrições, no entanto, não deixaram de apresentar um juízo de valor no modo de apresentar esse material, inclusive nas traduções. O caso do Egito é particularmente interessante, pois a tradução da Pedra de Roseta, colocada como marco fundador da Egiptologia, está imersa numa disputa imperialista que iria determinar o modo de se fazer Egiptologia até os dias de hoje. O posicionamento dos estudos demóticos e a respectiva seleção de fontes dentro da disciplina são consequência desse processo.

A Pedra de Roseta (197-196 a.C.), atualmente no Museu Britânico, foi descoberta por Boussard (ou Bouchard), um oficial francês, na região próxima a Rashid, ou Roseta, no Delta Ocidental. Com a derrota de Napoleão para a Inglaterra e a conquista de Alexandria, a pedra passou para mãos inglesas.⁴ A pedra chegou em Portsmouth em 1802 e ficou nas salas da Society of Antiquities of London até ser enviada para o Museu Britânico. Em abril desse mesmo ano, o Rev. S. Weston leu a parte grega do documento numa sessão pública. Pouco depois, em julho, quatro cópias foram distribuídas aos grandes centros de estudo da Inglaterra, Cambridge, Oxford, Dublin e Edimburgo num esforço para se traduzir o texto. Feita em granito negro, a pedra contém catorze linhas em hieróglifos (ou hieroglifos), 32 linhas em demótico, e 54 em grego.⁵ As inscrições da Pedra de Roseta formam uma versão de um decreto feito pelos sacerdotes de Mênfis estabelecendo que Ptolomeu V era o novo governante do Egito.

4 O Tratado de Capitulção, artigo XVI, dizia que todas as peças coletadas no Egito, que já estavam prontas para a viagem a Paris deveriam ser entregues aos ingleses. O Gen. Hutchinson foi o responsável pelo embarque do material à Inglaterra.

5 Para maiores detalhes sobre os estudos sobre a Pedra de Roseta, ver Budge, 1925; Ray, 2008; Parkinson, 1999.

O texto recebeu atenção de diversos pesquisadores⁶ e muitos absurdos foram escritos em relação ao deciframento. No entanto, os trabalhos de Champollion e Thomas Young foram determinantes para o entendimento dos hieróglifos e para o demótico. Mais ainda, isso consagrou a clássica disputa entre França e Inglaterra não apenas pelo mérito do deciframento, mas pela “paternidade” da Egptologia.

Apesar de toda a fama ter sido endereçada a Champollion, Thomas Young foi importante para que o sucesso francês fosse atingido. Young era médico de formação, mas tinha profundo conhecimento sobre línguas antigas. Aos 14 anos já tinha domínio de diversos idiomas, incluindo o grego, latim, caldeu, persa, hebraico, turco, isso sem contar as línguas modernas. Seus conhecimentos linguísticos foram fundamentais para, por exemplo, estabelecer que os egípcios combinassem sinais alfabéticos e não alfabéticos nos textos.

Seu primeiro trabalho não foi com a Pedra de Roseta, mas com um fragmento de papiro trazido por W. Rose Broughtone, e foi com este texto que realizou progressos significativos no entendimento do egípcio antigo. Young identificou que os cartuchos continham os nomes da realeza e, com isso, conseguiu traduzir os nomes de Ptolomeu e de Berenice, reconhecendo o sinal feminino final e a letra “t”. Dos treze sinais na lista, seis estavam corretos, três parcialmente corretos e quatro errados; depois acrescentou o sinal para “f”, além de outros, também tendo descoberto os numerais e o modo de se representar o plural (RAY, 2008; PARKINSON, 1999). O médico se dedicou à formação da Egyptian Society, subordinada à Royal Society of Literature, a fim de garantir a publicação das inscrições egípcias e passou a se dedicar ao demótico anos mais tarde (REDFORD, 2001; BIERBRIER, 1995, p. 455).

Champollion identificou o sistema de fonemas e diversos sinais correspondentes ao copta. Em 1824 foi responsável pela publicação do *Précis du système hiéroglyphique des anciens égyptiens*, com 450 palavras e, posteriormente a criação de uma gramática e um dicionário (REDFORD, 2001). Apesar das narrativas do deciframento enfatizarem o hieróglifo, o demótico teve um papel importante nesse processo, o qual foi reconhecido, embora tal reconhecimento ainda não tenha alavancado o campo de pesquisa na época.

⁶ Sobre as tentativas de deciframento antes de Champollion, ver Iversen, 1972.

O fascínio despertado nas pessoas por conta dos hieróglifos, dificultou o processo de transliteração e tradução do demótico, bem como o estabelecimento de uma sintaxe. Na verdade, não se tratava apenas de decifrar o significado dos sinais, mas a língua em toda sua complexidade. O fato de o Egito antigo ganhar popularidade pelos objetos monumentais e pelo exotismo da língua, associados a um orientalismo⁷ dos pesquisadores, colocou o demótico fora do centro das atenções. É preciso lembrar que a formação da Egiptologia como ciência especializada se dá paralelamente à formação das coleções dos grandes museus europeus, sobretudo na Inglaterra, com o British Museum (MOSER, 2009). A transformação ocorrida na disposição das galerias organiza e ordena uma nova hierarquia de civilizações, antes separadas segundo uma estética clássica, ao tom da arquitetura do museu, mas posteriormente, numa ordem cronológica (MOSER, 2009, p. 221). Como a base das vitrines e das salas era uma tentativa de imitar os templos gregos, o aspecto exótico, “bizarro”, e mesmo “monstruoso” dos objetos egípcios destoava muito e eles ficavam ressaltados. Por conta disso, a recepção foi considerada bipolar, mas nunca indiferente (MOSER, 2009, p.224). Uma vez que nesse momento os objetos eram classificados como “objetos de arte”,⁸ ficava evidente a discrepância dos “modelos” estéticos. As peças egípcias, quando comparadas às gregas e romanas, adquiriam um *status* de inferioridade, com um juízo de valor que apontava a sofisticação greco-romana em oposição à simplicidade egípcia.

O gradual isolamento dos egiptólogos e demais desdobramentos da especialização contribuíram para que os textos demóticos não constassem na lista de prioridades de uma Egiptologia - e de um “Egito” - emergentes. A estagnação nos estudos demóticos só viria a ser superada na década de 1970.

No entanto, muito antes, o hieróglifo já tinha provocado estranhamento na Antiguidade,⁹ identificado nos relatos de Heródoto e Horapolo. Apesar de posterior, o texto de Horapolo, que viveu em Alexandria no século V d.C., se tornou referência para os estudos da língua egípcia durante toda a Idade Média e

⁷ Tomo por referência aqui a ideia de Edward Said (1990) do orientalismo como um estilo de pensamento e a disciplina acadêmica dedicada aos estudos do Oriente.

⁸ É preciso lembrar da Egitomania no século XIX que contribuiu para que o Egito fosse adaptado e consumido, conforme o gosto burguês.

⁹ Refiro-me nesse caso à divisão didática tradicional, em que o período da Antiguidade vai do surgimento da escrita até 476 d.C, quando há a “queda” do Império Romano do Ocidente.

Idade Moderna. Seu trabalho, no Livro I, traz um grande número de sinais com suas respectivas explicações. Entretanto, o livro parece ser escrito por dois autores diferentes (BOAS, 1993, p. 17). No século XV sua obra foi adquirida por Cristoforo Bundelmonti, mas o texto só foi publicado pela primeira vez em 1505, junto às fábulas de Esopo. Nos anos seguintes a obra de Horapolo chegaria ao número expressivo de trinta traduções e reedições, o que pode explicar em parte a visão renascentista sobre os egípcios. O texto contém referências greco-romanas, de modo que é possível identificar tradições distintas da egípcia (BOAS, 1993, p. 17). Os equívocos cometidos não eram conhecidos no século XVI e XVII e só seriam identificados muito depois.

Os relatos de Heródoto são muito anteriores e nos deram informações sobre a existência de dois tipos de escrita: a sagrada e a demótica (II, 36), traduzida como “escrita popular”. Contudo, examinando a história da língua egípcia, sobretudo após o período saíta, veremos que os egípcios tinham uma visão diferente a respeito.

O demótico

Demótico é o tipo de escrita cursiva desenvolvida pelos egípcios (REDFORD, 2001, p. 210). O termo utilizado por Heródoto, δημοτικά, foi apropriado e difundido com uma forma de escrita popular, não sagrada. Os egípcios se referiam ao demótico como **ḫt n ṣwt**, “letras”, ou “escrita das letras”.¹⁰ O demótico se tornou a escrita corrente para assuntos ligados ao cotidiano. No entanto, a escrita demótica abarca praticamente todas as categorias de textos egípcios, tais como contratos, cartas, etc., com exceção das poesias amorosas. O primeiro texto em demótico é do século VII a.C., mas seu uso em grande escala acontece somente no período ptolomaico.

O termo “demótico” foi consagrado no mundo contemporâneo graças ao deciframento da Pedra de Roseta, e passou a ser utilizado pelos egiptólogos depois de Champollion. Muitos pesquisadores do século XIX se referiam a *enchoria* para se referir a esse tipo de caractere. Não se trata de uma outra língua, nem de uma “língua do povo”,¹¹ vulgar, ou simplesmente de uma escrita cursiva

¹⁰ Redford traduz como “document writing” (2001, p. 210).

¹¹ Há um grande debate na Egptologia sobre o acesso da população à escrita e mesmo sobre o nível de alfabetização. Discutirei isso adiante. A principal referência é Baines e Eyre, 1983.

dos hieróglifos. O demótico tem uma gramática diferenciada, que se desenvolveu a partir do egípcio tardio, marcando uma transição (lenta e gradual) para o copta, posteriormente.

O demótico, como o egípcio, possui sinais que correspondem a um, dois ou três sons, portanto não se trata de uma escrita alfabética como a grega.

H hieróglifo	H ierático	D emótico
sS(n) mdw - nT		sS(n) Sa t
ιερογλυφική	ιερατική	δημοτικά
		
3000-664 a.C .	2500-664 a.C .	664 a.C . - declínio no Período Romano

TAB.1. Exemplo simplificado da transição das escritas egípcias.

A escrita demótica pode ser considerada uma das muitas variações dialetais do hierático, oriunda da região de Sais. No entanto, pelo fato de o demótico apresentar variações na construção de palavras e frases, e também no uso dos sinais, como da gramática, não podemos reduzi-lo a uma mera simplificação do hierático (SHORE, 1972, p. 144). Conforme indica Depauw (1997), é possível identificar em fontes gregas referências ao demótico em oposição ao hieróglifo. Heródoto (2, 36; V séc. a.C.), Diodoro (1, 81 e 3,3; I séc. a.C) e Heliodoro (Ethiop. 4, 8; III e IV séc. a.C.) apresentam distinções para isso (ver Tab.2).

Tais fontes não distinguem propriamente o hierático e o hieróglifo, tomados como “sagrados” ou “sacerdotais” em oposição ao demótico, que seria “popular”. Ainda no mundo antigo, Clemente de Alexandria (Stromateis 5, 4, 20-21; II e III séc. d.C.)¹² já diferenciava três tipos de escrita egípcia: ιερογλυφική, ιερατική, ἐπιστολογραφική. Em Porfírio (Vit. Pythag. 12, III séc.

¹² Budge (1925) apresenta os trechos em grego a partir da p. 129.

d.C) vemos γράμματα-ἐπιστολογραφικά-ἱερογλυφικά/συμβολικά (DEPAUW, 1997, p. 19). Outros registros como o Decreto de Canopo (238 a.C.), a Pedra de Roseta (196 a.C.), P.gr.Tebt. II 291 (162 a.C) apresentam uma clara distinção entre a escrita “dos gregos” e a “dos egípcios”. Para os gregos, no entanto, a escrita demótica era considerada “nativa”, “nacional”. Entre os próprios egípcios havia uma diferenciação dos tipos de escrita, conforme se pode observar a seguir.

Não pretendo aqui realizar uma discussão filológica sobre as origens e os problemas que envolvem o desenvolvimento do demótico como sistema de escrita, inclusive por limites de formação. O ponto é ressaltar a complexidade do debate em torno das fontes e a dificuldade que envolve a pesquisa a partir desse material. A identificação precisa dos sinais nem sempre é possível, não apenas pelo estado de conservação dos textos, mas também pelas diferentes grafias - nem sempre habilidosas - de quem redigia o material.

No que concerne ao uso do demótico, em seu período mais inicial (650-400 a.C.), correspondente aos domínios saíta e persa, as fontes se restringem a documentos administrativos, legais e comerciais. Nos séculos subsequentes, sobretudo o IV século a.C., o demótico parece ganhar importância entre a população, possivelmente por ser um tipo de escrita anteriormente vinculada à administração. Nos primeiros anos do domínio lágida, no período ptolomaico, o demótico aparece em diversos tipos de fontes e há uma vasta produção literária em demótico, o que poderia em parte justificar a apropriação dessa escrita pela população letrada.

Fontes	H ierático/ H i- eróglifo	D emótico	G rego
H eródoto	ιερά	δημοτικά	-
D iodoro (I)	ιερά	κοινοτέραν ἔχοντα τὴν μάθησιν	-
D iodoro (III)	ιερά καλούμενα	δημώδη προσαγορευόμενα	-
H eliodoro	ιερατικά	δημοτικά	-
C lemente de A le- xandria	ιερογλυφική/ιερατική	ἐπιστολογραφική	-
Porfírio	ιερογλυφικά/συμβολι κά	ἐπιστολογραφικά	-
C anopo: G rego	ιερά	αἰγύπτια	Ἑλληνικά
Roseta: G rego	ιερά	ἐνχώρια	Ἑλληνικά
P. g. T ebt. 2	ιερατικά	αἰγύπτια	-
C anopo: H ieróglifo	sS(n) pr- anx	sS(n) Ša t	sSn HAw-nbwt
Roseta: H ieróglifo	sS(n) mdw - nT	sS(n) Ša t	sSn HAw-nbwt
C anopo: D emótico	sX(n) pr- anx	sX(n) Ša t	sX(n)
Roseta: D emótico	sX(n) mdw - nT	sX(n) Ša t	sX(n)

TAB. 2. A escrita e as fontes (In: DEPAUW, 1997, p. 19)

A chegada dos gregos compromete a permanência do demótico como escrita. Tal comprometimento não se deu pelo fato de que o grego era uma escrita alfabética, em oposição ao egípcio, como se acreditou por alguns anos (DE-PAUW, 1997), sendo, portanto, mais fácil de aprender. Ora, se a grande maioria da população já conhecia o egípcio como língua falada e a escrita não era uma habilidade comum a todos, essa teoria não se sustenta. Ao mesmo tempo, se tal dificuldade tivesse existido, seria por parte de escribas gregos, e não egípcios.

Durante o período ptolomaico, período de maior popularização do demótico como escrita, uma parte dos documentos era produzida em duas línguas, principalmente os contratos. Os tribunais em demótico funcionavam normalmente e os gregos poderiam recorrer a eles se assim o desejassem. O decreto de 146 a.C “recomendava” o registo em grego de documentos produzidos em demótico para que pudessem ser arquivados, pois do contrário eles não seriam. O decreto de Anistia de 118 a.C, de Ptolomeu VIII Evergeta II, reduziu um pouco da autoridade dos tribunais gregos em relação aos tribunais egípcios.¹³ Há muitas divergências sobre o uso do demótico e do grego na documentação legal ptolomaica (principalmente MANNING, JOHNSON, CLARYSSE). O caso dos contratos é interessante para verificar ainda que as instituições do período reconheciam documentos escritos tanto em grego quanto em demótico. Tal simultaneidade se justifica, por outro lado, pelo fato de que a administração local não era necessariamente grega, mas uma versão do documento era enviada a Alexandria e, portanto, referendada pela administração central. Ao mesmo tempo, isso indica que o demótico permaneceu em seu uso original no domínio saíta como uma escrita da administração real.

Poderia se argumentar que o demótico foi mantido para marcar uma certa identidade egípcia nas práticas cotidianas, que não eram necessariamente afetadas pela administração macedônica. Contudo, não podemos trabalhar com essas polaridades simplistas no Egito ptolomaico. Nem sempre um documento escrito em grego era de fato grego e o mesmo ocorria com os textos em demótico. Essa visão simplificada da sociedade egípcia contribuiu para que o demótico ficasse em segundo plano também pelos papirologistas que defendiam a helenização do Egito.

¹³ Sobre os tribunais e as interações entre egípcios e gregos, ver PEREIRA, 2005.

É preciso tomar cuidado com a ideia de que o grego parece ser mais fácil que o egípcio e que, por ser uma escrita alfabética, teria trazido vantagens para o processo de helenização. Esse tipo de abordagem, defendida por Goody (2003), é insustentável quando observamos os documentos produzidos em papiro. Na documentação demótica do período ptolomaico, há o intercâmbio de termos egípcios em textos gregos (possivelmente escritos por escribas egípcios), e também o contrário. Clarysse (1993) faz uma análise desse intercâmbio demonstrando de que modo o Egito ptolomaico se constitui gradativamente, como um país bilingue. Os escribas egípcios parecem não ter adotado as terminações gregas nos nomes egípcios (CLARYSSE, 1993, p. 198) e adaptado um grande número de partículas do grego ao modo egípcio de escrever. Assim, a helenização dos escribas egípcios deixou marcas também de uma “egipcianização” do grego utilizado pelos Ptolomeus. Para além do fator linguístico, a adoção de equipamentos de escrita distintos (a caneta de junco e o pincel) marca esse intercâmbio. É bem provável que os gregos tenham aprendido demótico para se aproximarem dos conhecimentos médicos dos egípcios, conforme atesta uma carta em que um grego é parabenizado por aprender demótico.¹⁴ Acredita-se que apenas uma minoria de 10% falava grego (CLARYSSE, 1995, p. 1), minoria esta que governou o país por 300 anos, deixando marcas importantes na vida social. Não se trata, portanto, apenas da mudança de um registro linguístico.

No caso específico das cartas, por exemplo, o problema passa a ser de outra ordem. O número de cartas em demótico é menor do que as cartas gregas, mas possivelmente porque grande parte delas se refira a assuntos administrativos entre os altos oficiais. Os textos propriamente em demótico não são distintos dos gregos nem relação aos conteúdos (DEPAUW, 2006), o que derrubaria a ideia de que os textos demóticos são utilizados para assuntos “privados” e os gregos para os “públicos” e oficiais.

Durante o período romano é possível ver o progressivo desuso do demótico. Textos administrativos e jurídicos passam a ser mais raros, depois os literários (menos relevantes para a vida pública); até que no século V d.C. se encontram ainda em grafites no Templo de Philae (Graff. Philae 365). Os motivos

¹⁴ RÉMONDON, R. “Problèmes du bilinguisme dans l’Égypte lagide (UPZ I, 148)”. In: CdÉ 39 (1964), pp. 126-146. Para outras referências sobre o tema, ver Depauw, 1997.

para a diminuição dos textos não são claros. Lewis (1993) apresenta um contraste significativo na quantidade de documentos disponíveis no período ptolomaico (600) e no período romano (por volta de 60).¹⁵

Papyrologists concerned with Greek documents have traditionally viewed the disappearance of Demotic as a case of 'a largely non-alphabetic system, difficult to acquire and confined almost exclusively to priests and professional scribes, [being] allowed to slip into the oblivion toward which it had been headed for a long time'. Accuracy aside, this 'explanation' does not touch on etiology, unless it be implied in the reference to the nature of the script and to its professional associations. (LEWIS, 1993, p. 277)

Esse processo precisa levar em conta outros aspectos da vida social no Egito Romano, como o desprezo dos romanos em relação aos seus hábitos “bárbaros”,¹⁶ mas sobretudo as mudanças na administração. Os romanos parecem ter diminuído as verbas para os templos egípcios, reduzindo significativamente o poder dos sacerdotes, que eram os principais responsáveis pela manutenção da escrita nativa.

Roman reorganization of the administration of Egypt denied such documents the recognition, or status, they had previously enjoyed. In other words, Demotic documentation was a victim, or casualty, of the Roman annexation of Egypt. Or, to put it in homelier language, the Demotic document did not just wither and fade with age, it was starved to death. (LEWIS, 1993, p. 277)

Se o Egito durante o período ptolomaico adota múltiplos registros escritos dependendo do tipo de texto, é de se imaginar que outras questões possam ser investigadas a partir daí. As relações sociais (tomadas aqui num âmbito mais geral) e a maneira como egípcios e gregos se relacionavam podem ser vistas pelas apropriações da língua e da escrita. Entretanto, antes de fazer esse percurso, acredito ser relevante analisar/discutir o modo como o campo do demoticismo se constituiu no século XX. A formalização desse campo de pesquisa afetou o modo como esses documentos foram escolhidos e estudados nos últimos anos e, evidentemente, todas as leituras a partir de então não fogem à regra.

¹⁵ O autor evidentemente leva em conta a presença significativa de *óstraca* encontrados no III século d.C., dos grafites e da produção literária no Alto Egito no mesmo período em demótico. É importante lembrar que ainda há um grande número de papiros demóticos não traduzidos e publicados.

¹⁶ Lewis relembra o esforço de Otaviano em sua propaganda anti-Cleópatra (p. 281).

Os estudos e a organização do campo de pesquisa.

O orientalista sueco J. D. Åkerblad foi o primeiro a estudar o trecho demótico da Pedra de Roseta, mas ainda entendia o demótico como uma escrita alfabética. Thomas Young foi o primeiro a sugerir que os hieróglifos poderiam ser uma escrita alfabética e não alfabética e que o demótico derivava destes sinais. Champollion fez alguns progressos comparando o demótico e o copta, chegando a decifrar alguns dos sinais, mas os progressos no demótico só foram realizados no início do século XX.

Houve tentativas de se estruturar uma gramática demótica. O pesquisador irlandês E. Hincks publicou em 1833 “The Enchorial Language of Egypt”¹⁷ e em 1848 Henri Brugsch publica em Berlim o *Scriptura Aegyptiorum demotica e papyris* com grande impacto nos estudos da área. Somente em 1925, Spiegelberg lança *Demotische Grammatik*, formalizando o campo de estudos do demótico.

O crescimento dos estudos coptas colaborou para reposicionar o demótico na história das escritas egípcias. Entre os alemães, principalmente, em finais do século XIX e início do XX, o demótico foi situado entre o egípcio tardio e o copta, como uma escrita de transição.

As gramáticas demóticas ainda estão em desenvolvimento e não pretendo nesse trabalho desenvolver todo o debate sobre os problemas e limites de cada gramática.¹⁸ Vale mencionar aqui que Francis Ll. Griffith (1862–1934) analisou cuidadosamente a construção gramatical do demótico na obra *Stories of the High Priests of Memphis* (1900) sobre os papiros mágicos de Leiden e Londres e *Catalogue of the Demotic Papyri in the Rylands Library at Manchester* (1909) (com Sir Herbert Thompson). Um outro pesquisador digno de nota foi F. Lexa com *Grammaire Démotique*, em sete partes com grande detalhamento, chegando a 1228 páginas quando publicadas entre 1949 e 1951. Mais recentemente, Edda Breschiani publicou *Nozioni elementari di grammatica demotica*¹⁹

¹⁷ Dublin University Review 3, 1833; ver também *Journal de la Société orientale d'Allemagne* III, 1849, p. 263.

¹⁸ Para o mapeamento do desenvolvimento das gramáticas ver: Depauw, 1997. O autor traz as principais referências para o campo da filologia demótica.

¹⁹ In: *Testi e documenti per lo studio dell'antichità*. Vol. XXIX. Istituto editoriale Cisalpino, Milan/Varese, 1969.

e Janet Johnson, *Thus Wrote Onchsheshonqy - An Introductory Grammar of Demotic*. No entanto, esses estudos ainda estão distantes de formalizar um estudo gramatical do demótico, como se tem no egípcio médio, por exemplo. O texto de Johnson se preocupa com um tipo de demótico tardio, do período romano, em que parte dos sinais é grafada de forma distinta do período ptolomaico. O trabalho de Robert Simpson, *Demotic Grammar in the Ptolemaic sacerdotal decrees*, também segue a mesma abordagem. As gramáticas demóticas enfrentam a grande dificuldade de não abarcar todos os períodos, além de se defrontarem com mudanças ortográficas que são difíceis de padronizar.

No campo dos dicionários, temos o *Demotisches Glossar* de W. Erichsen, com cópia feita a mão pelo autor. A Universidade de Chicago tem realizado um trabalho gigantesco com o *Demotic Dictionary*, trabalhando na elaboração de um dicionário, que está disponibilizado no *site* da instituição.²⁰

Desde a década de 1970, o número de demoticistas tem crescido e importantes centros tem se desenvolvido na Europa e nos EUA, como é o caso de Copenhagen, Leiden, Oxford, Chicago, Michigan. Parece, a princípio, que os grandes centros têm surgido proporcionalmente às coleções de papiros. No entanto, é inegável a contribuição germânica nesse campo.

Dentro do campo da papirologia, os demoticistas são os mais organizados. Os textos em geral são divididos de acordo com a coleção em que estão preservados (BGU, PRyl. dem., P.Lille dem. etc) ou com os arquivos (P.Petaus, PTor. Amenotes, etc.), o que ocorre também com os papiros gregos. Os textos demóticos tendem a ser publicados por tipo, como cartas, contratos de propriedade, etc. A justificativa para isso segundo W. Clarysse (1994) é o fato de que as fórmulas iniciais se repetem nos textos, facilitando a leitura e a identificação dos conteúdos.

As bibliografias existem de forma sistemática, sobretudo no periódico *Enchoria*, especializado em demótico e copta. A série apresenta não apenas a referência das publicações dos últimos anos, mas um pequeno comentário sobre elas (*Demotische Literaturübersicht*). *Demotische Studien* é outro periódico que existe desde 1901, criada por Spielgeberg, com os oito primeiros volumes editados por ele. A série é retomada a partir de 1988, por K.Th Zauzich. O *Studia De-*
20 <http://oi.uchicago.edu/research/pubs/catalog/cdd/> Acesso em 28 de junho de 2011.

motica tem sido publicado desde 1987, em Leiden, e trazido textos e análises sobre coleções e grupos de papiros. O *Papyrologica Lugduno-Batava* segue a mesma linha do anterior.

Outras ferramentas de trabalho são usadas pelos papirologistas, como *Check-list of demotic text: editions and re-editions*, organizada por S.P. Vleeming e A.A. den Brinker. Pestman elaborou a “Chronologie égyptienne d’après les textes démotiques”, em P.L.Bat 15 (1967), com uma lista de papiros demóticos em ordem cronológica. Apesar de ser uma lista antiga, é útil aos papirologistas até hoje.

A internet tem colaborado enormemente com os demoticistas, permitindo que a comunidade se torne mais internacional, ainda que o número de pesquisadores seja ainda pequeno, comparativamente com outras áreas da papirologia e da Egiptologia.²¹ O portal *Trimegistus* tem a listagem dos papiros em demótico, indicando o *status* das publicações (fotografia, transcrição, tradução) e as referências bibliográficas, incorporadas pelo *Enchoria*. O *Trimegistus* apresenta também o *Demotische Literaturübersicht* atualizado, permitindo que os pesquisadores atualizem também a bibliografia sobre o tema.

- Demotic Dictionary Project : <http://oi.uchicago.edu/research/projects/dem/>
- Trimegistus: <http://www.trimegistos.org/>
- Special Collections Library at the Duke University: <http://scriptorium.lib.-duke.edu/papyrus/texts/homepage.html>
- Checklist of Editions of Greek, Latin, Demotic and Coptic Papyri, Ostraca and Tablets: <http://scriptorium.lib.duke.edu/papyrus/texts/clist.html>
- Carsten Niebuhr Institute em Copenhagen: http://www.iki.ku.dk/cni/papcoll/pap_dem.htm
- Demotische Wortliste: <http://www.dwl.aegyptologie.lmu.de/index.php>
- Demotic egyptian transliteration and Unicode: <http://socrates.berkeley.edu/~pinax/demotic.html>
- Coleção da Universidade de Copenhagen: <http://pcarlsberg.ku.dk/inventory/demotic/>

A relevância do demótico para a Egiptologia e para o mundo antigo.

²¹ Os dados são do último Congresso Internacional de Demótico em 2011, realizado em Oxford. http://www.orinst.ox.ac.uk/conferences/11th_demotic_congress/index.html

Ainda dentro do campo da Egptologia, o advento do demótico trouxe inúmeras contribuições. Evidências como estas têm colaborado para o estudo da literatura, da medicina, da religião e mesmo dos textos escolares (TAIT, 1992). Apesar da organização dos demoticistas, muitos textos demóticos estão sem tradução e ainda estão por serem publicados. Isso se deve ainda ao pequeno número de demoticistas no mundo e também a impossibilidade de se criarem *softwares* que permitam a leitura e a transcrição dos textos demóticos, como ocorre com os hieróglifos, para difundir a pesquisa. Parte significativa das publicações oferece cópias manuscritas feitas pelos tradutores, poucas fotografias e muitas transliterações. Para além das dificuldades da escrita, esse material ainda está em uma espécie de limbo. Não pertence nem aos egptólogos, nem aos classicistas. Mesmo nos grandes centros de papirologia, a divisão tradicional acadêmica ainda permanece: a separação entre documentos egípcios (em hieróglifo e hierático) e os gregos. Muito recentemente isso tem se transformado, sobretudo em Copenhague, onde o encorajamento para uma múltipla formação é maior, mas ainda é cedo para se notar os resultados. Deste modo, os estudos demóticos parecem órfãos. Boa parte da documentação estudada até agora ficou restrita a contratos de propriedade e casamentos.

Os papiros têm sido muito utilizados pela promessa de oferecer um caminho de acesso direto aos nativos. No entanto, é preciso considerar aqui algumas particularidades sobre a procedência desse material. A pergunta feita por Roger Bagnall (1995, p. 11) se o Egito era “normal”, dada a quantidade de papiros provenientes da região, indica um outro nível do problema: as generalizações. A maior parte dos papiros preservados provém de áreas marginais, como o Fayum que podem, até certo ponto, revelar uma exceção e não a regra para as regiões mais populosas do Delta. As cidades com maior número de imigrantes gregos (Alexandria ao norte e Ptolomais ao sul) não podem ser consideradas parâmetros, sobretudo porque ambas tiveram um olhar especial dos governantes para constituir um modelo de cidade helenística.

Por outro lado, o Egito sofre de um outro problema relativo aos papiros. A quantidade significativa de material diante dos seus vizinhos no Mediterrâneo pode reforçar uma unicidade do Egito. Esse tipo de critério é difícil de medir.

Bagnall, por exemplo, discute esse tipo de standardização, assinalando que a escolha do critério pode comprometer as conclusões sobre um tipo de padrão no mundo antigo que pode ser ilusório (1995, p. 11-14). Dito de outro modo, o fato de haver um número maior de papiros jurídicos, por exemplo, seria indicador que determinadas instituições são mais presentes no Egito do que em outros locais? Ou simplesmente, que esse tipo de instituição requeria o armazenamento desses documentos para outros fins? Qual seria o meio de avaliar isso sem juízos de valor?

A escolha dessas fontes é um outro tema que merece atenção e não me parece mero acaso o interesse pelos temas econômicos e jurídicos.²² No caso dos estudos de gênero, por exemplo, a documentação tem sido utilizada para demonstrar que as mulheres no Egito ptolomaico tinham, de fato, direitos e uma maior participação social, em oposição às mulheres “gregas”. Esse tipo de seleção e abordagem pode ser justificado pelas necessidades de boa parte de uma sociedade ocidental pós-feminismo, em que o processo de emancipação feminino é entendido segundo critérios econômicos e jurídicos.²³

O período ptolomaico ainda tem sido estudado majoritariamente através da documentação grega, já que se trata do processo de “helenização” (visto aqui como universal e homogêneo) do Egito. Como afirmam Bowman e Woolf (1994, p. 8):

The survival and the importance of languages other than Greek and Latin may be under-represented in modern scholarship because, for instance, the Greek papyri from Ptolemaic Egypt have been very well served by Greek papyrologists whilst the far smaller number of demoticists has not been able to do justice to a corpus of demotic papyri which is very much larger than the published sample would suggest.

A papirologia não tem sido uma disciplina reconhecida por sua capacidade reflexiva (BAGNALL, 1995, p. 1) e o uso da documentação demótica pode incorrer em outro extremo, a de uma positividade excessiva que tende a ver os documentos gregos como desnecessários ou pouco relevantes para o estudo da

²² A papirologia começa com o estudo dos textos jurídicos e econômicos, desdobrando-se para outros materiais posteriormente.

²³ Refiro-me aqui especificamente ao Reino Unido, EUA e França, onde essa literatura foi produzida, apoiada no movimento feminista do início do século XX, da década de 1960 e nos estudos de gênero.

sociedade egípcia. Assim, documentos, pessoas, gregos e egípcios caem numa polaridade artificial, que não corresponde à realidade do Egito, mas muito mais à nossa separação entre classicistas e orientalistas. Isso sem contar, evidentemente, no modelo de pesquisa acadêmica que segmenta excessivamente algumas áreas, tornando o diálogo muitas vezes impossível. No caso dos estudos demóticos, os pesquisadores têm tomado nos últimos anos posturas mais solidárias e críticas em relação aos seus processos de investigação. Comparativamente, esse campo da papirologia, por assim dizer, tem a vantagem de poder aprender com os erros de papirologistas gregos e mesmo dos egiptólogos, buscando alternativas para o seu isolamento. O esforço de alguns pesquisadores tem apontado para novas abordagens nessa nova geração de egiptólogos e demotistas que, mais do que privilegiar o texto como entidade autônoma, nos lembra que eles foram produzidos por pessoas e, portanto, devem ser vistos também em sua materialidade e como produto social.

FASES DA LÍNGUA E DA ESCRITA NO EGITO

γραΰματα ιερογλυφικα΄ - "Escrita (pelas) Sagradas Incisões" γραΰματα ιερατικα΄ - "Escrita Sacerdotal" γραΰματα δημοτικα΄ - "Escrita Popular"		
Língua	Escrita	Data
Egípcio Arcaico	Hieroglífica	I e II dinastias
Egípcio Antigo	Hieroglífica Hierática	Final da III din.
Egípcio Médio ou Clássico	Egípcio de Tradição	Hieroglífica Hierática
Neo-egípcio		Hieroglífica Hierática Hierático Anormal (Tebas)
Demótico Antigo		Hieroglífica Hierática Demótico Demótico Saítico Persa
Demótico Ptolomaico		Ptolomaico Antigo Ptolomaico Tardio
Demótico Romano		Demótico Romano
Última Inscrição Hieroglífica		394 d.C.
Última Inscrição Hierática		III século d.C.
Última Inscrição Demótica		452-3 d.C. (Philae)
Desaparecem quando a língua falada começa a ser escrita - Copta		
Pré-Copta		Final da XXVI dinastia
Copta Pré-Arcaico		Início do Ptolomaico
Copta Arcaico		I século d.C.
Copta		III/IV séculos d.C. XI/XIV séculos d.C.
Com o Período Islâmico o árabe torna-se a língua e a escrita oficial		640

TAB. 3. Fases da Língua Egípcia.²⁴

²⁴ Tabela gentilmente elaborada e cedida pelo Prof. Dr. Antonio Brancaglioni Jr.

Bibliografia

- BAGNALL, R. Reading Papyri, writing ancient history. London and New York: Routledge, 1995.
- BAINES, J. Four notes on literacy . Göttinger Miszellen. Göttingen, v. 61, p. 65-96, 1983.
- BAINES, J; EYRE, C. Interactions between Orality and Literacy in Ancient Egypt. In: SCHOUSBOE, K.; LARSEN, M. T. (Eds.) Literacy and Society. Denmark: Akademisk Forlag, 1989.
- BOAS, G. The hieroglyphics of Horapollo. Bollingen Series XXIII. New Jersey: Princeton University Press, 1993.
- BOWMAN, A.K.; WOLF, G. (Eds.) Literacy and Power in Ancient World. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- BUDGE, E. A. W. The mummy: a handbook of Egyptian funerary archaeology: second edition revised & greatly enlarged. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1925.
- BURNET, R. L'Égypte ancienne à travers les papyrus. Vie quotidienne. Paris: Éditions Pygmalion, 2003.
- BIERBRIER, M.L. Who's who? 3th. Edition revised. London: Egypt Exploration Society, 1995.
- CENIVAL, F. L'écriture démotique. In: Textes et langages de l'Égypte pharaonique: cent cinquante années de recherches, 1822-1972: hommage à Jean-François Champollion. Le Caire: Institut français d'archéologie orientale du Caire, 1972.
- CLARYSSE, W. Greeks and Egyptians in the Ptolemaic army and administration. Aegyptus, Milano, vol. 65, 1985, p.57-66.
- _____. Some Greeks in Egypt. In: JOHNSON, J. (Ed.) Life in a Multicultural Society: Egypt from Cambyes to Constantine and Beyond. (SAOC 51), Chicago, 1992. p. 51-56.
- _____. Egyptian scribes writing Greek. CdÉ, Bruxelles, v. 68, 1993, p. 186-201.
- _____. Demotic for Papyrologists. A First Acquaintance. In: CAPASSO, M. (Ed). Atti del V Seminario internazionale di papirologia. Lecce 27-29 giugno 1994 (Papyrologica Lupiensia, 4). Lecce, 1995, p. 87-114.
- _____. Ethnic diversity and dialect among the Greeks of Hellenistic Egypt. In: VERHOOGT, A.M.; VLEEMING, S. P. (Eds.) The two faces of Graeco-Roman Egypt. Greek and Demotic and Greek-Demotic texts and studies presented to P.W. Pestman. P.L. Bat 30. Leiden, Boston, Köln: Brill, 1998, p. 1-14.
- _____; THOMPSON, D. Counting the people in Hellenistic Egypt. Historical Studies. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- DEPAUW, M . A companion to Demotic Studies. Brussels: Papyrologica Bruxellensia 28, 1997.

_____. The demotic letter: a study of epistolographic scribal traditions against their intra- and intercultural background. Demotische studien. Band 14. Sommerhausen: Gisela Zauzich Verlag, 2006.

_____. (ed.) A Chronological Survey of Precisely Dated Demotic and Abnormal Hieratic Sources. Köln, Leuven: Trismegistos Publications, 2008. Disponível em <http://www.trismegistos.org/daht>.

DEVAUCHELLE, D. D'une pierre deux écritures. In: Mémoires d'Égypte: hommage de l'Europe à Champollion. Strasbourg: Editions la Nuée Bleue, 1990.

EL-AGUIZY, O. About the Origins of Early Demotic in Lower Egypt. In: JOHNSON, J. (Ed.) Life in a Multicultural Society: Egypt from Cambyses to Constantine and Beyond. (SAOC 51), Chicago, 1992. p. 91-102.

GOODY, J. Escrita en sociedades tradicionales. Trad. Gloria Vitale e Patrícia Wilson. Barcelona: Gedisa, 2003 [1968].

IVERSEN, E. The hieroglyph in Egypt before Champollion. In: Textes et langages de l'Égypte pharaonique: cent cinquante années de recherches, 1822-1972: hommage à Jean-François Champollion. Le Caire: Institut français d'archéologie orientale du Caire, 1972.

JOHNSON, J. (Ed.) Life in a Multicultural Society: Egypt from Cambyses to Constantine and Beyond. (SAOC 51), Chicago, 1992.

_____. "Annuity contracts" and marriage. In: Silverman, David P. (ed). For his Ka. Essays in Memory of Klaus Baer. Studies in Ancient Oriental Civilization, n. 55. Chicago. 1994.

_____. Thus Wrote 'Onchsheshonqy - An Introductory Grammar of Demotic. (SAOC 45). 3a. edição. Chicago, 2000.

LA'DA, C. Encounters with ancient Egypt: the hellenistic greek experience. In: ROEMER, C; LEWIS, N. The demise of demotic document; When and why? JEA, London, v. 79, 1993, p. 276-281.

_____. Greeks in Ptolemaic Egypt. Connecticut: American Society of Papyrologists, 2001.

_____. "Greco-Roman Egypt": fact or fiction? In: SAMUEL, D.H. (Ed.) Proceedings of the Twelfth International Congress of Papyrology. Michigan, 1968. Toronto: A.M. Hakkert, 1970, p. 3-14.

MALININE, M. Choix de textes juridiques en hiératique "anormal" et en démotique (XXVe - XXVIIe dynastie. Bibliothèque de l'École des Hautes Études, 300. vol 1. Paris, 1953.

MANNING, J. Demotic Papyri (664 - 30 a.C.). In: WESTBROOK, R.; JASNOW, R. (Ed.) Security for debt in Ancient Near Eastern Law. Leiden, Boston, Köln: BRILL, 2001, p. 307-326.

_____. The last Pharaohs. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2010.

MOSER, S. *Wondrous Curiosities: ancient Egypt in the British Museum*. Chicago and London. University of Chicago Press, 2006.

PARKINSON, R. *Cracking Codes: The Rosetta Stone and Decipherment*. University of California Press. 1999.

PEREIRA, R. G. “Helenização”, “Egipcianização” e “Re-construção da Identidade”: Estudo das Interações Culturais entre Estrangeiros e Nativos na *Chóra* Ptolomaica. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em História Comparada, UFRJ. Rio de Janeiro, 2005.

RAY, J. Thomas Young et le monde de Champollion. BSFÉ Paris, v.119, p. 25-34, 1990.

_____. Literacy and language in Egypt in the Late and Persian Periods. In: BOWMAN, A.K.; WOLF, G. (Eds.) *Literacy and Power in Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 51-66.

REDFORD, D. (Ed.) *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. Oxford, Oxford University Press, 2001.

_____. *The Rosetta Stone and Rebirth of Ancient Egypt*. London: Profile Books Ltd. 2008.

RÉMONDON, R. Problèmes du bilinguisme dans l'Égypte lagide (UPZ I, 148). CdÉ, Bruxelles, v.39, p. 126-146, 1964.

SAID, E. *Orientalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

SHORE, A.F. Demotic. In: *Textes et langages de l'Égypte pharaonique: cent cinquante années de recherches, 1822-1972: hommage à Jean-François Champollion*. [Le Caire]: Institut français d'archéologie orientale du Caire, 1972.

TAIT, W.J. *Proceedings of the XVIII International Congress of Papyrology* (Athens 25-31 May 1986), Atenas, 1988, 2 vols.

THOMPSON, D. J. Literacy in early Ptolemaic Egypt. In: El-Mosalamy, A.H.S. (Ed.) *Proceedings of the XIXth International Congress of Papyrology*. Cairo 2-9 September, 1989. Cairo: Center of Papyrological Studies, 1992, p. 77-90.

_____. Language and Literacy in Early Hellenistic Egypt. In: BILDE, P. et al. *Ethnicity in Hellenistic Egypt*. Aarhus: Aarhus University Press, 1992, p.39-52.

_____. Literacy and Power in Ptolemaic Egypt. In: BOWMAN, A.K.; WOLF, G. (Ed.) *Literacy and Power in Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 67-83

VANDORPE, K. Archives and Letters in Graeco-Roman Egypt. In: PANTALACCI, L. (Ed.) *La lettre d'archive. Communication administrative et personnelle dans L'Antiquité proche-orientale et égyptienne*. Actes du colloque de l'université de Lyon 2. 9-10 juillet 2004. Le Caire: Institute Français d'Archéologie Orientale, 2008, p. 155-177.

VASUNIA, P. Hellenizing Egypt. Thesis (Phd). Department of Classics. Stanford: Stanford University, 1995.

VERHOOGT, A. Dictating Letters in Greek and Roman Egypt from a Comparative Perspective. Michigan, 2009.

VLEEMING, S.P. La phase initiale du démotique ancien. CdÉ, Bruxelles, v.56, p. 31-48, 1981.

WOODARD, R. D (Ed.). The cambridge encyclopedia of World's Ancient Languages. New York: Cambridge University Press, 2004, p. 160-217.

